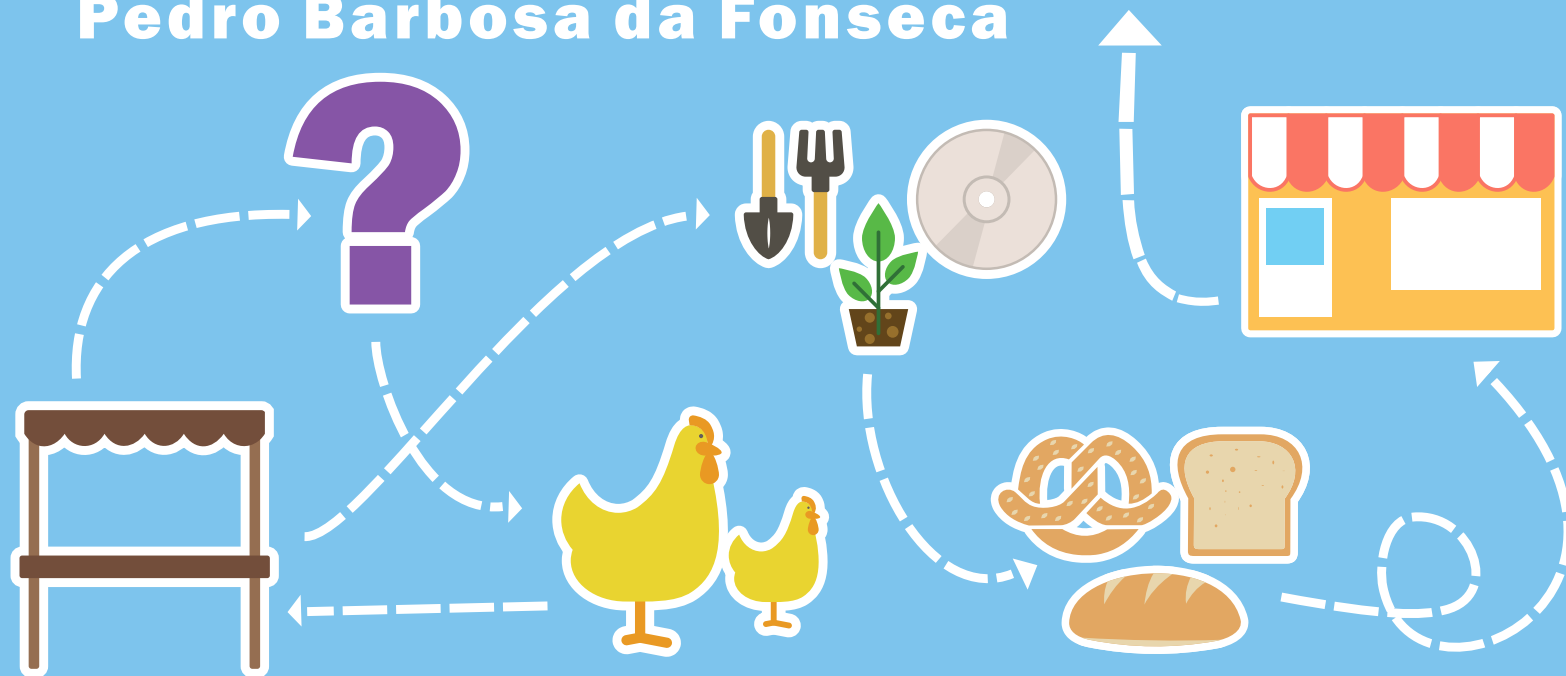


COXININHA DE MACAXEIRA

Pedro Barbosa da Fonseca



Ilustrações por Bruno Wagner

Pedro Barbosa da Fonseca



Ilustrações por Bruno Wagner

Ceará-Mirim/RN

2015

F676c Fonseca, Pedro Barbosa da.
Coxinha de macaxeira / Pedro Barbosa da Fonseca ; Ilustrações
por Bruno Wagner Barbosa Rodrigues. – Ceará-Mirim, RN : IFRN,
2015.
14 p., il. color.

ISBN: 978-85-8333-216-9

1. Literatura norte-rio-grandense – Poesia popular. 2. Literatura
de cordel. 3. Poesia norte-rio-grandense. 4. Literatura popular
nordestina. 5. Empreendedorismo – Literatura. I. Rodrigues, Bruno
Wagner Barbosa. II. Título.

CDU 82(813.2)-91

Ficha elaborada pela Seção de Processamento Técnico da Biblioteca Sebastião
Fernandes do Campus Natal Central do IFRN.

Ficha técnica

Texto

Pedro Barbosa da Fonseca – Aluno do IFRN/Campus Santa Cruz

Ilustração, Diagramação e Desenvolvimento Web

Bruno Wagner Barbosa Rodrigues – Aluno do IFRN/Campus Ceará-Mirim

Coordenação

Idelmárcia Dantas de Oliveira – Profa. do IFRN/Campus Ceará-Mirim

Colaboradores

Elionai Moura Cordeiro – Prof. do IFRN/Campus Ceará-Mirim

Priscilla Suene de Santana Nogueira Silvério – Profa. do
IFRN/Campus Ceará-Mirim

Rubervanio da Silva Mateus – Bibliotecário do
IFRN/Campus Santa Cruz

Manoel Dantas – Poeta Potiguar

Apresentação

Este trabalho foi fruto do desejo de uma professora do interior do Rio Grande do Norte em apresentar aos seus alunos, de forma divertida e lúdica, um exemplo de Empreendedorismo, próximo da realidade das pessoas que moram no interior, fazendo uso de recursos da cultura regional. Essa aspiração começou a tomar forma quando a professora ainda trabalhava no IFRN/Campus Santa Cruz, pois o autor do texto é Pedro Barbosa da Fonseca, aluno desse Campus, residente na cidade de Santa Cruz. Na mesma época, a professora convidou o bibliotecário do Campus Santa Cruz, Rubervanio da Silva Mateus, para elaborar a ficha catalográfica do produto final, inicialmente, um simples documento em formato pdf.

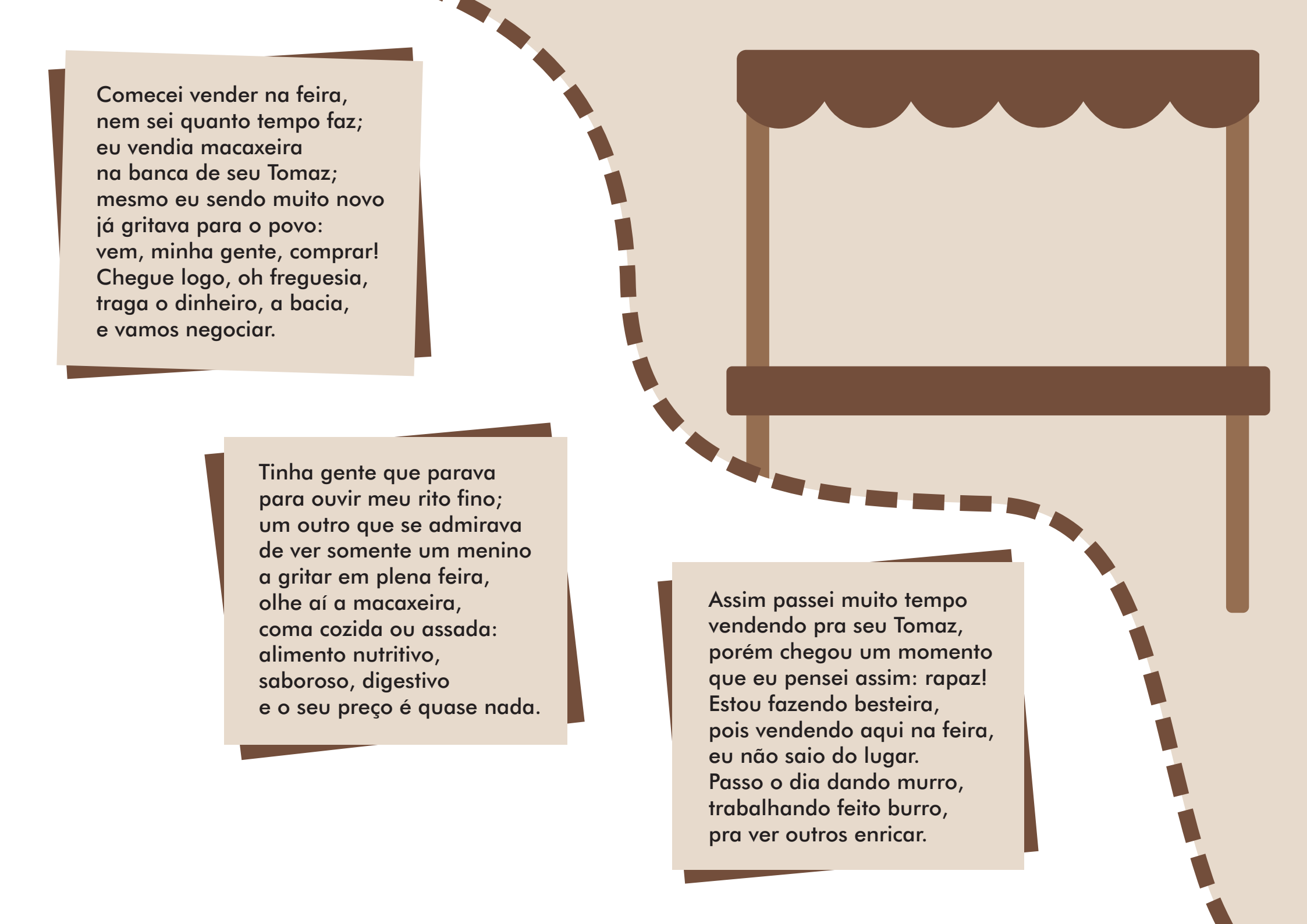
A ideia inicial foi sendo aprimorada e ganhou a forma de um projeto de extensão no IFRN/Campus Ceará-Mirim. O projeto "E-cordel: um caso empreendedor" concorreu a edital interno e ganhou um aluno bolsista do Curso de Informática para acumular várias funções: ilustrador, diagramador e

desenvolvedor web do cordel, Bruno Wagner Barbosa Rodrigues. Também recebeu o apoio voluntário e imprescindível de dois professores da área de Informática: prof. Elionai Moura Cordeiro e profa. Priscilla Suene de Santana Nogueira Silverio, permitindo que atingisse novo patamar. Por fim, este trabalho também contou com a revisão de Peterson Nogueira, professor de língua portuguesa do Campus Ceará-Mirim e do poeta potiguar Manoel Dantas.

O "Coxinha de Macaxeira", intencionalmente, não é um cordel convencional, pois foi concebido sem perder de vista o mundo dos jovens alunos do ensino médio. Essa foi uma das premissas do projeto: criar algo que fosse atraente para um leitor jovem, com linguagem visual leve.

Espera-se que este material seja utilizado por todos os professores do ensino médio que anseiem explorar o tema Empreendedorismo em sua sala de aula, bem como sirva como fonte de conhecimento para todos aqueles que desejem.

Idelmárcia Dantas



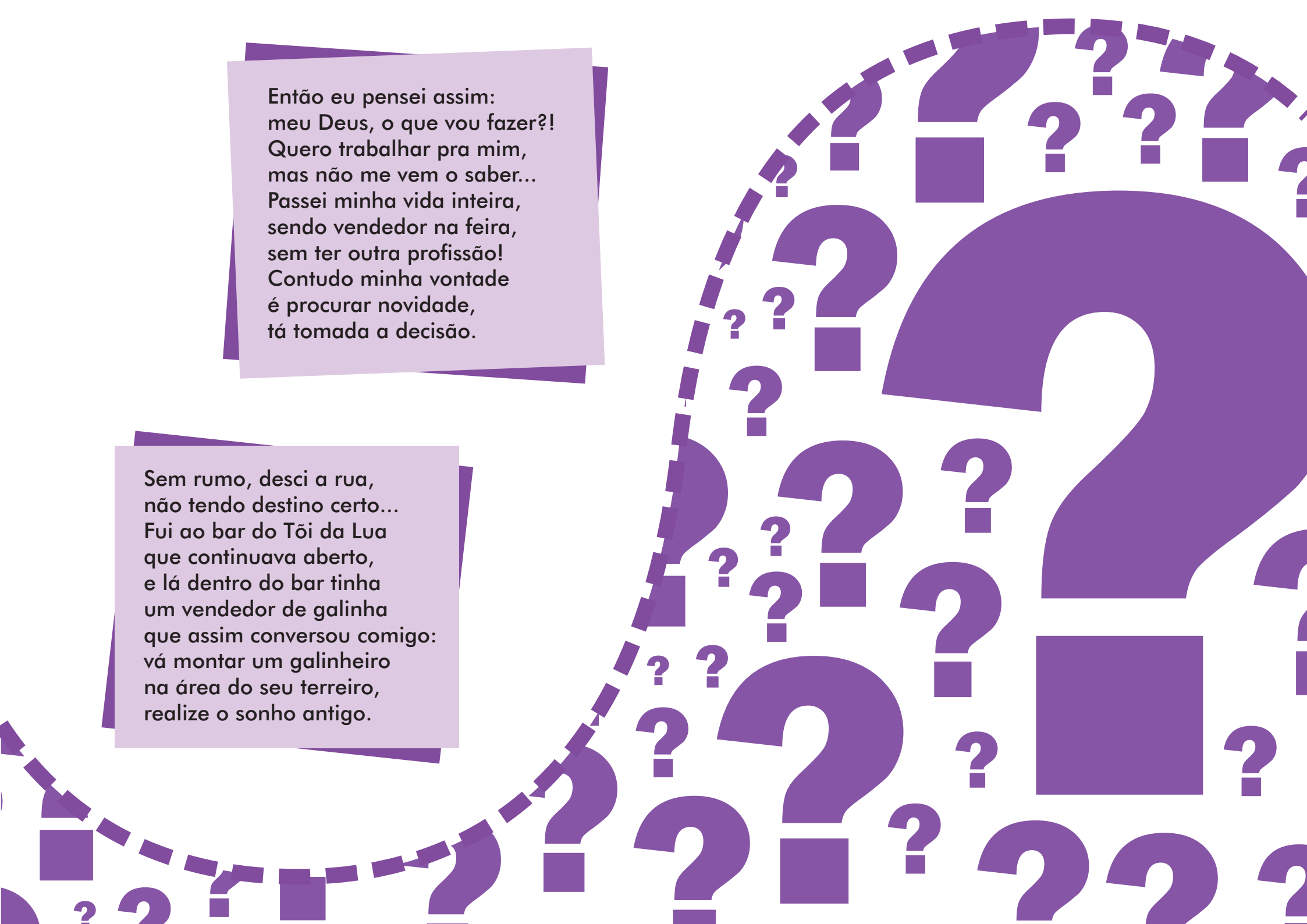
Comecei vender na feira,
nem sei quanto tempo faz;
eu vendia macaxeira
na banca de seu Tomaz;
mesmo eu sendo muito novo
já gritava para o povo:
vem, minha gente, comprar!
Chegue logo, oh freguesia,
traga o dinheiro, a bacia,
e vamos negociar.

Tinha gente que parava
para ouvir meu rito fino;
um outro que se admirava
de ver somente um menino
a gritar em plena feira,
olhe aí a macaxeira,
coma cozida ou assada:
alimento nutritivo,
saboroso, digestivo
e o seu preço é quase nada.

Assim passei muito tempo
vendendo pra seu Tomaz,
porém chegou um momento
que eu pensei assim: rapaz!
Estou fazendo besteira,
pois vendendo aqui na feira,
eu não saio do lugar.
Passo o dia dando murro,
trabalhando feito burro,
pra ver outros enricar.

Então eu pensei assim:
meu Deus, o que vou fazer?!
Quero trabalhar pra mim,
mas não me vem o saber...
Passei minha vida inteira,
sendo vendedor na feira,
sem ter outra profissão!
Contudo minha vontade
é procurar novidade,
tá tomada a decisão.

Sem rumo, desci a rua,
não tendo destino certo...
Fui ao bar do Tói da Lua
que continuava aberto,
e lá dentro do bar tinha
um vendedor de galinha
que assim conversou comigo:
vá montar um galinheiro
na área do seu terreiro,
realize o sonho antigo.

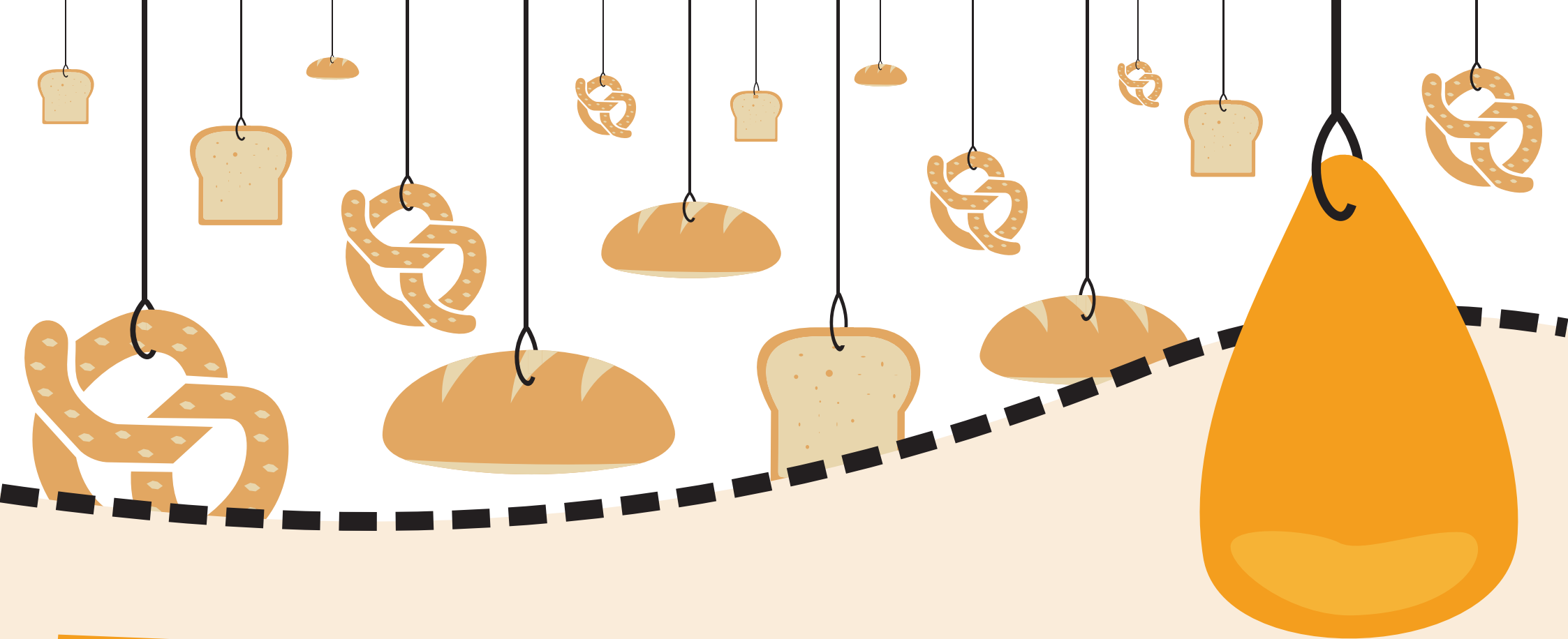


Eu comprei cinco galinhas
e segurei pela asa,
já era quase noitinha,
quando eu cheguei em casa.
Minha mãe disse: o que é isso?
Pra que esse rebuliço?
O que você vai fazer?
Respondi: chame o povo
e diga que terei ovo
amanhã para vender.

No amanhecer do outro dia,
havia um ovo somente.
Eu disse: Virgem Maria!
Ô negócio decadente!
Eu pensava que galinha
passava a noite todinha
os ovinhos fabricando;
e depois que ela botava
o trabalho que me dava
era só sair juntando.

Faltou-me planejamento
para ser vendedor de ovo.
Saí no mesmo momento
atrás de emprego de novo...
Voltei a vender na feira
a bendita macaxeira,
com que eu tinha cismado;
porém agora eu sabia
que o comércio exigia
um cabra bem informado.





Dirigi-me à padaria na hora de comprar pão, aí notei que havia uma estufa no balcão, dentro dela umas coxinhas, coradas, bem assadinhas, deu vontade de comer; eu comprei uma na hora e saí de mundo afora, pensando no que fazer...

Enquanto eu caminhava, lembrando do meu passado, o tanto que trabalhava sem nunca ver resultado, comendo aquela coxinha, lembrei-me lá das galinhas e meu fracasso com ovo... Não podia desistir, deveria mesmo insistir, começar tudo de novo.

Com o sabor da coxinha me veio uma ideia nova: vou fazer uma igualzinha para ver se o povo aprova; pensando seguir em frente, fui falar com seu Vicente, o dono da padaria. Um emprego arranjei; e eu dali só sairei pra minha pastelaria.

Não vendo o tempo passar, já preparava o pastel, a coxinha para assar, douradinha, cor de mel; croissant, risole, empada, tudo de massa folhada, até a queijada eu fiz. Primando no aprendizado, eu me senti preparado e não mais era aprendiz.

Depois de um certo tempo,
procurei novo destino,
porque naquele momento
não era mais um menino;
queria ganhar dinheiro,
viajar pro estrangeiro,
quem sabe, um dia casar...
Pelo pouco que ganhava,
naquela hora não dava
sequer pra me sustentar.

Começo a vender de tudo:
cabo de enxada, bujão;
vendi caderno de estudo,
corda, capa de fogão;
incenso, vela, CD,
muda de planta, LP,
machado, escova de dente,
vendi mala, faca, pote,
estribo, lima, caixote,
veneno de rato e pente.

Muitas coisas eu vendia,
muito tempo trabalhava,
o dinheiro não rendia,
em nada me adiantava.
Eu já estava sem plano,
me bateu um desengano,
vontade de desistir,
pois era muito trabalho,
porém só quebrava galho,
não dava pra prosseguir.

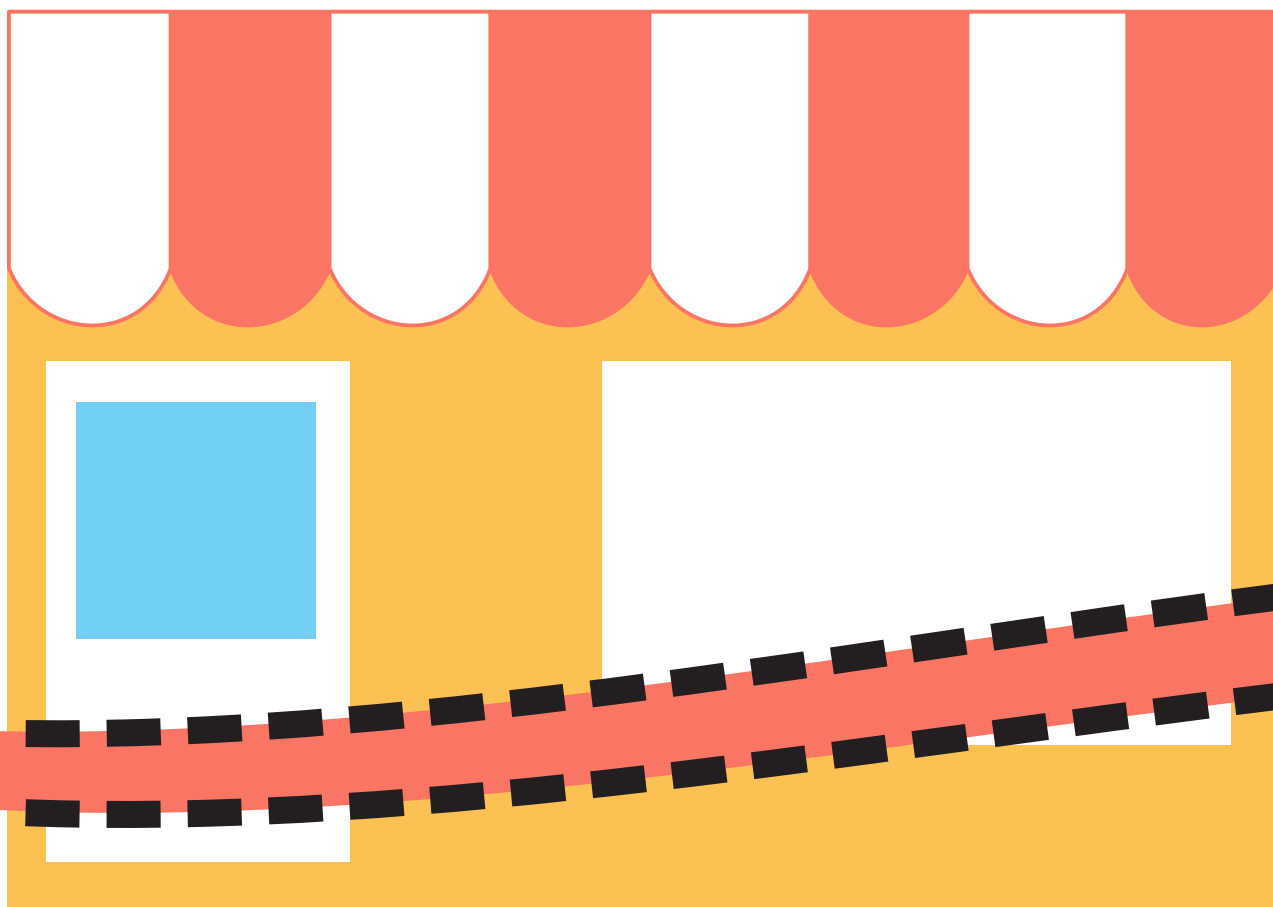


Eu disse agora tô pronto,
pode estender o tapete,
não sou mais aquele tonto,
agora tenho o macete;
aprendi com seu Vicente
um negócio diferente...
E ao ter hoje o que não tinha,
vou montar o meu quiosque
na via principal do bosque,
só para vender coxinha.

No quiosque limpei canto,
troquei a porta, o balcão,
e na estante do recanto
botei a televisão
para o povo se entreter
na hora de vir comer,
vendo na Globo a novela.
Comprei os ingredientes
e, de forma inteligente,
fiz bom uso da panela.

Convidei toda a cidade
pra grande inauguração.
Eu estava com vontade
de causar boa impressão.
Chamei o Padre, o Prefeito,
mais o Juiz de Direito
a minha Pastelaria;
Sendo hoje dia de festa,
você come e diz se presta
o sabor da iguaria.

Afirmo ser de oito horas
que a brincadeira começa
e falei para as Senhoras
não precisar terem pressa.
Se tem jantar na panela,
quando acabar a novela
e a meninada garfar,
você fala com jeitinho,
vamos ali meu benzinho
a inauguração olhar.

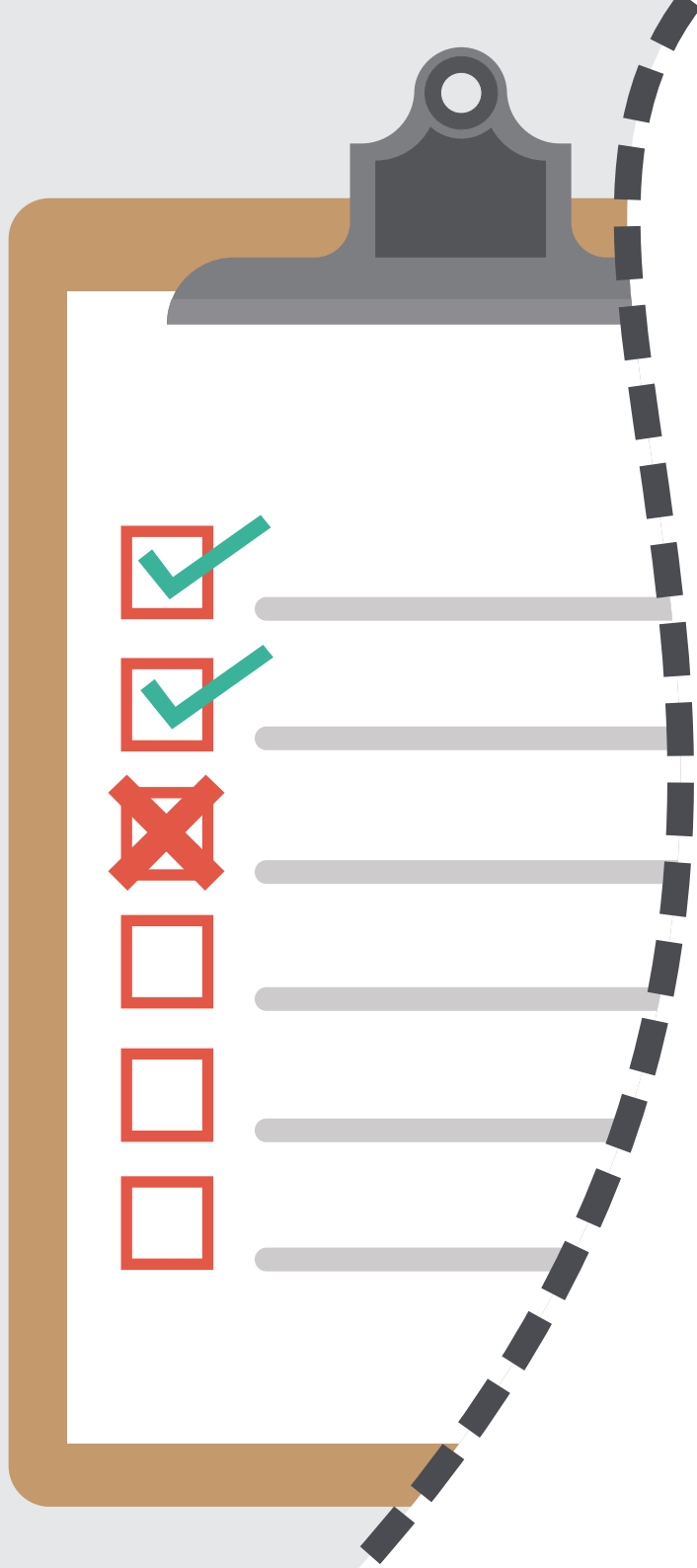


Pela décima sexta hora,
o bosque já estava cheio,
eu disse, Nossa Senhora!
Esse povo donde veio?
Era menino e mulher,
com garfo, faca e colher,
todos querendo jantar.
Gritei agora lascou:
tudo que se preparou
não dá nem pra começar.

Só sei que comeram tudo
que eu havia preparado,
do pequeno e do miúdo,
de pronto foi devorado,
quando a comida acabou,
o povo se levantou,
um disse farei agora
a oração do seu Raimundo:
"bucho cheio, pé no mundo,"
deu nos calos, foi embora.

Fiquei só para a limpeza,
pensando no movimento,
aí disse assim: beleza!
Vou fazer outro orçamento
das coisas que vou vender,
do que o povo vai comer,
preciso estar preparado;
não fazer muito nem pouco,
quem faz muito, fica louco,
com comer desperdiçado.





Assim eu fui começando na minha pastelaria, o povo foi se chegando, aumentando a freguesia... Eu, porém, insatisfeito, queria arrumar um jeito da minha venda crescer. Quando mudava a receita, após a coxinha feita, ninguém queria comer.

Testei coisa diferente, recheei com camarão, mas não foi suficiente, teve pouca aceitação. Disse eu: é brincadeira! a coxinha é de primeira e as vendas não estão boas; irei dar uma de artista, preparar uma entrevista e indagar das pessoas.

Quando o povo ía chegando, eu pegava a conversar, ao me ir aproximando, jamais sem incomodar; ao expressar o BOM DIA, dizia é com alegria que recebo você aqui. Gostaria de saber o que deseja comer deste cardápio daqui.

Uns diziam que era bom. Outros sequer comentavam. Alguns mudavam do tom da conversa e disfarçavam; outros, porém, já diziam que a comida que comiam era boa até demais, contudo em nada mudava, em outros cantos se achava as comidas sempre iguais.

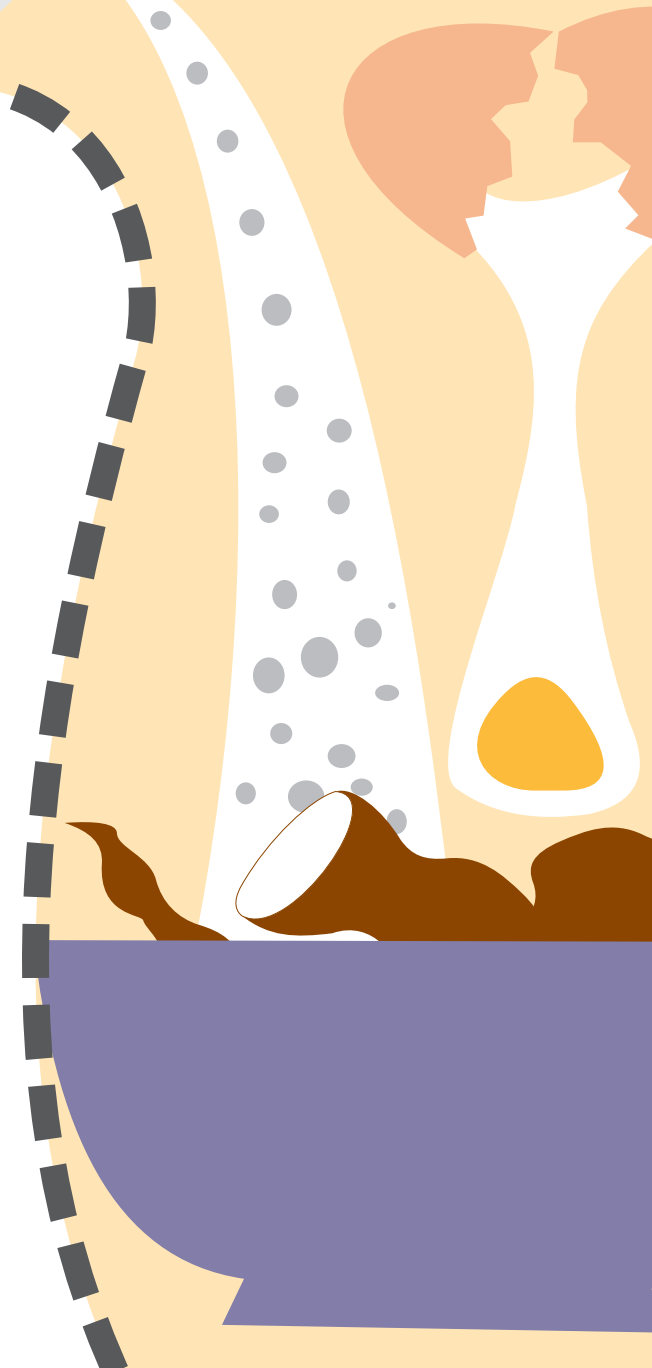
FARINHA

Aí eu disse é agora que aproveito o momento. A ideia veio na hora, eu tive um deslumbramento: vou fazer uma coxinha, não apenas com farinha, hoje terei algo novo. E de tanto caminhar, fazer planos, ensaiar, voltei pra feira do povo.

Na feira ía observando as muitas coisas que tinha, a cabeça fervilhando, sempre pensando em coxinha, lembrei-me do tempo atrás que a banca de seu Tomaz era no fim da ladeira; desci sentindo saudade lá da minha mocidade na venda de macaxeira.

Eu não sabia o porquê e nem o que me guiava, mas eu tinha que fazer aquilo que planejava. Comprei então macaxeira e voltei logo da feira com aquele pensamento: pra juntar ingrediente de maneira diferente e fazer o cozimento.

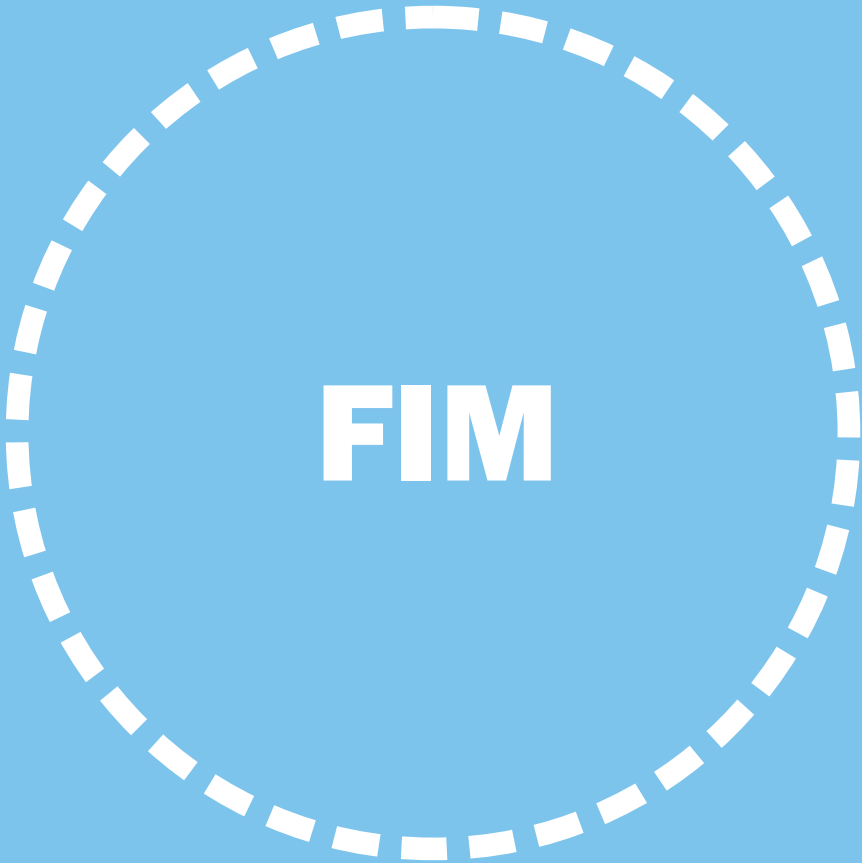
Depois da chegada em casa, cozinhei a macaxeira, e numa tigela rasa juntei farinha brejeira; depois eu fui amassando e a massa misturando, provando logo o tempero e disse tá bom demais; igualzinho ninguém faz, afirmo sem exagero.



Rapidamente a coxinha foi sucesso na cidade e de todo canto vinha gente ver a novidade: a coxinha de primeira, com massa de macaxeira, todos querendo provar. Além de ser bem sequinha, corada, quando assadinha, crocante no mastigar.

Não estando satisfeito, procuro sempre inovar, porque é grande defeito o cabra se acomodar, pensando ser mesmo o tal, que nunca vai ficar mal ao se achar superior. Do jeito que o sucesso vem, o mesmo se vai também, é lei do empreendedor.





FIM



O Autor

PEDRO BARBOSA DA FONSECA

Pedro Barbosa da Fonseca nasceu em São Bento do Trairí/RN, no dia 29 de junho de 1971, dia de São Pedro, de onde vem o nome Pedro. Pedro é filho de agricultores e morou na zona rural de São Bento do Trairí até completar 10 anos de idade.

Em 1981, seus pais foram morar em Santa Cruz/RN. Então, Pedro, conhecido por Dudu entre amigos e familiares, foi aventurar-se em uma cidade mais desenvolvida, uma vez que mal conhecia a casa da fazenda onde morava.

Em Santa Cruz, Pedro estudou o primeiro grau e trabalhou fazendo o transporte das compras da feira livre à casa dos clientes, também vendeu dindim, picolé, pipoca e ajudou em uma banca de confecções.

Viveu o drama da enchente de 1º de abril de 1981, perdendo sua casa levada pela água do Rio Trairí. Morou em

barracas cedidas pelo exército e, em seguida, no conjunto Cônego Monte, construído pelo governo.

Em 1989, Pedro se alistou no Exército e serviu às Forças Armadas em Natal/RN. Nesse período, fora da instituição militar, ele se iniciou na capoeira. Quando retornou à Santa Cruz, tornou-se professor dessa arte marcial.

Aprendeu sobre cultura afrodescendente, fez dissertações, músicas e ensaios sobre capoeira e sobre a vida dos negros na escravidão. Na mesma época, trabalhou em projeto social com jovens carentes por 10 anos.

Em 2008, concluiu o ensino médio e no ano de 2010 iniciou o curso de licenciatura em Física no IFRN/Santa Cruz.

Desde o ensino médio, Pedro Barbosa da Fonseca, o Dudu, sempre gostou de literatura de cordel, inspirado por seu tio repentista e por sua mãe que o fazia dormir, quando criança, cantarolando cordéis.

As atividades editoriais do que hoje denominamos Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN iniciaram em 1985, no contexto de funcionamento da EFRN. Nesse período, essas atividades limitavam-se a publicações de revistas científicas, como a revista EFRN, que em 1999 tornou-se a revista Holos.

Em 2004, foi criada a Diretoria de Pesquisa, atual Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação, que fundou, em 2005, a Editora do IFRN. A Editora nasceu do anseio dos pesquisadores da Instituição que necessitavam de um espaço mais amplo para divulgar suas pesquisas à comunidade em geral.

Com financiamento próprio ou captado junto a projetos apresentados pelos núcleos de pesquisa, seu objetivo é publicar livros das mais diversas áreas de atuação institucional bem como títulos de outras instituições de comprovada relevância para o desenvolvimento da ciência e da cultura universal, buscando, sempre, consolidar uma política editorial cuja prioridade é a qualidade.

